

**GRUPO DE TRABALHO**

**POPULAÇÕES (IN)VISIBILIZADAS  
E DIVERSIDADE**



**Relatório do Perfil da Comunidade de Práticas  
(WhatsApp)**

Jan. 2020

O presente relatório tem por objetivo apresentar o perfil das/os participantes da Comunidade de Práticas – grupo comunitário no WhatsApp®, que realizaram o seu cadastro até a data de 12 de dezembro de 2019. Para contextualizar os dados a seguir será realizado uma breve contextualização da criação do presente Grupo de Trabalho (GT), bem como da comunidade de práticas. Sendo que esse relatório foi elaborado coletivamente pelo grupo gestor/coordenador do GT, composto por Ademir Lopes Junior, Júlia Gallupo Fonseca e Gustavo Antonio Raimondi.

## **CONTEXTO GERAL**

A proposta de criação do GT surgiu a partir da Mesa Redonda “Como temos enfrentado as questões relacionadas à população LGBTI no ensino Médico?” que ocorreu no 57º Congresso Brasileiro de Educação Médica (COBEM). Durante o debate desta mesa identificou-se a necessidade de promover maior visibilidade a temática da sexualidade e diversidade dentro dos eventos da Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM) e dos currículos médicos.

Ao procurar mais informações junto a Denize Herdy e Sandro Schreiber, membros da atual gestão da ABEM, sobre como proceder, foi sugerido encaminhar a proposta ao Conselho Administrativo da ABEM via reunião das regionais, pois isso poderia promover maior capilaridade e representatividade dentro da ABEM e de cada regional. Destacou-se nesse momento que a proposição do GT poderia estar vinculada ao eixo “Inclusão e Permanência” do Projeto ABEM “Saúde e Bem-Estar de Educandos e Educadores”. Diante disso, a proposta de criação do GT foi aprovada nas regionais Sul 1, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e Nordeste, em 30 de setembro de 2019. Nesse momento de aprovação nas regionais, foi sugerido acrescentar outras populações invisibilizadas, como as discussões sobre raça e etnia.

Após os primeiros encontros presenciais (Imagem 01), que ocorreram ainda durante o COBEM, e à distância, compreendeu-se que o foco principal do GT é promover visibilidade e articular ações (pesquisa, ensino e extensão universitária) junto à ABEM e aos espaços de Educação Médica sobre os temas de gênero, sexualidade, raça, etnia e suas interseccionalidade. Além do mais, compreendeu-se a necessidade de aprofundar, ao longo dos eventos de Educação Médica e da formação Médica, o debate sobre populações negligenciadas e invisibilizadas

socialmente como: população LGBTQIA+, negra, indígena, privada de liberdade, ribeirinha, rural, cigana, imigrantes, refugiados humanitários e pessoas com necessidades especiais; e buscar aproximação com movimentos sociais e identitários. Mesmo diante da ausência de educandas/os e educadoras/es que trabalhem com algumas dessas temáticas, consideramos importante elas estarem discriminadas para que possamos sensibilizar pessoas a compor o grupo, podendo, inclusive, ampliar essas questões.

**Imagem 01:** Educandas/os e educadoras/es presentes na primeira reunião de criação do GT.



**Fonte:** Arquivo da Comunidade de Práticas.

A fim de iniciar os trabalhos com as pessoas presentes no 57º COBEM, propusemos uma divisão de ações por eixos temáticos, os quais podem ser ampliados e modificados ao longo do processo, para articular proposições entre as/os interessados em cada temática. Consideraram-se possíveis representações identitárias, áreas de expertise e atuação das pessoas presentes, tentando incluir pelo menos um/a educando/a e educador/a em cada eixo.

1. Eixo Gênero e Sexualidade;
2. Eixo População Negra;

3. Eixo Povos Indígenas;
4. Eixo Pessoas Privadas de Liberdade;
5. Eixo População Ribeirinha.

Em reunião com membros da Diretoria Executiva da ABEM, realizada em 03 de Janeiro de 2020, compreendeu-se que o grupo de WhatsApp® do GT poderia compor uma Comunidade de Práticas, aberta a todas/os as/os interessadas/os em debater o tema do GT. Segundo Wenger,

Comunidades de prática são grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo melhor à medida que elas interagem regularmente (WENGER, 2015)<sup>1</sup>.

A partir dessa concepção, buscou-se compreender o perfil das/os integrantes dessa Comunidade de Práticas a fim de aprimorar as ações e proposições do GT junto à ABEM e as demais regionais da ABEM. Para isso, realizou-se um cadastro eletrônico voluntário que continha informações sobre o estado em que reside, instituição em que estuda/trabalha, cargo/função na instituição, associação ou não à ABEM, raça/étnica, identidade de gênero, orientação afetivo-sexual, trabalhos realizados e/ou com interesse de realizar em relação as temáticas do GT, dentre outros. Assim, apresentar-se-á o perfil das/os participantes da Comunidade de Práticas, destacando que o desejo em participar ou não dessa comunidade é voluntário e por isso esse perfil é dinâmico.

## **PERFIL DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS**

A presente Comunidade de Práticas, conta com 115 participantes, sendo que 74 realizaram o seu cadastro até o dia 12 de dezembro de 2019. Em relação ao estado em que cada participante mora, há uma representatividade de todas as regiões brasileiras, com predomínio da região Sudeste, principalmente dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Figura 01).

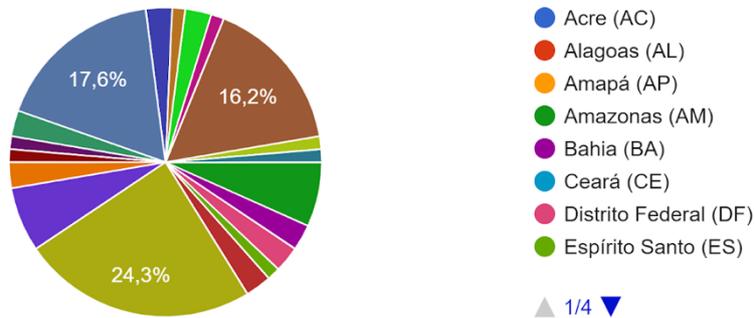
---

<sup>1</sup> Disponível em: < <https://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice/>>.

**Figura 01:** Discriminação das/os participantes de acordo com o Estado em que reside.

## Qual o estado em que você mora?

74 respostas



Acre (AC): 0 respostas  
Alagoas (AL): 0 respostas  
Amapá (AP): 0 respostas  
Amazonas (AM): 5 respostas (6,8%)  
Bahia (BA): 2 respostas (2,7%)  
Ceará (CE): 0 respostas  
Distrito Federal (DF): 2 respostas (2,7%)  
Espírito Santo (ES): 1 resposta (1,4%)  
Goiás (GO): 2 respostas (2,7%)  
Maranhão (MA): 0 respostas  
Mato Grosso (MT): 0 respostas  
Mato Grosso do Sul (MS): 0 respostas  
Minas Gerais (MG): 18 respostas (24,3%)  
Pará (PA): 5 respostas (6,8%)  
Paraíba (PB): 2 respostas (2,7%)  
Paraná (PR): 1 resposta (1,4%)  
Pernambuco (PE): 1 resposta (1,4%)  
Piauí (PI): 2 respostas (2,7%)  
Rio de Janeiro (RJ): 13 respostas (17,6%)  
Rio Grande do Norte (RN): 2 respostas (2,7%)  
Rio Grande do Sul (RS): 1 resposta (1,4%)  
Rondônia (RO): 2 respostas (2,7%)  
Roraima (RR): 1 resposta (1,4%)  
Santa Catarina (SC): 0 respostas  
São Paulo (SP): 12 respostas (16,2%)  
Sergipe (SE): 1 resposta (1,4%)  
Tocantins (TO): 1 resposta (1,4%)

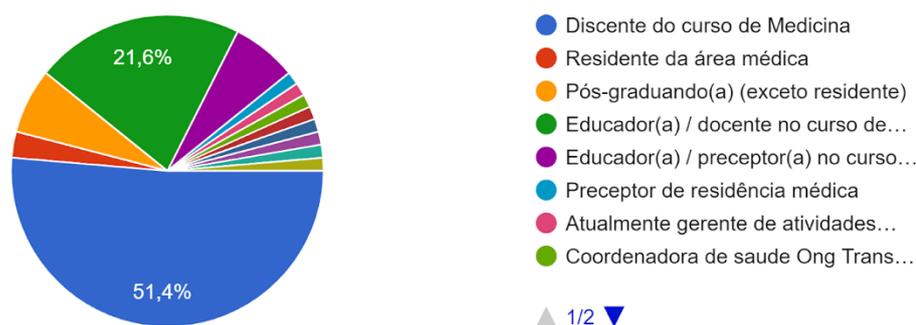
**Fonte:** Autores.

Em relação ao cargo ou função que desempenha na instituição em que estuda/trabalha, observa-se um grupo bastante heterogêneo, com predomínio de educandas/os (discentes) e educadoras/es docentes e preceptores (Figura 02).

**Figura 02:** Discriminação das/os participantes de acordo com o cargo ou função.

### Qual o seu cargo ou função?

74 respostas



Discente do curso de Medicina: 38 respostas (51,4%)  
 Residente da área médica: 2 respostas (2,7%)  
 Pós-graduando(a) (exceto residente): 5 respostas (6,8%)  
 Educatador(a) / docente no curso de medicina: 16 respostas (21,6%)  
 Educatador(a) / preceptor(a) no curso de medicina: 5 respostas (6,8%)  
 Preceptor de residência médica: 1 resposta (1,4%)  
 Atualmente gerente de atividades, mas sou professor: 1 resposta (1,4%)  
 Coordenadora de saúde Ong Transvest: 1 resposta (1,4%)  
 Gestora ensino: 1 resposta (1,4%)  
 Docente curso de Enfermagem: 1 resposta (1,4%)  
 Parteira e médica: 1 resposta (1,4%)  
 Médico Indigenista Supervisor do Programa Mais Médicos e consultor do ISPN para educação em Saúde Indígena: 1 resposta (1,4%)  
 Supervisor Acadêmico de médicos em áreas remotas: 1 resposta (1,4%)

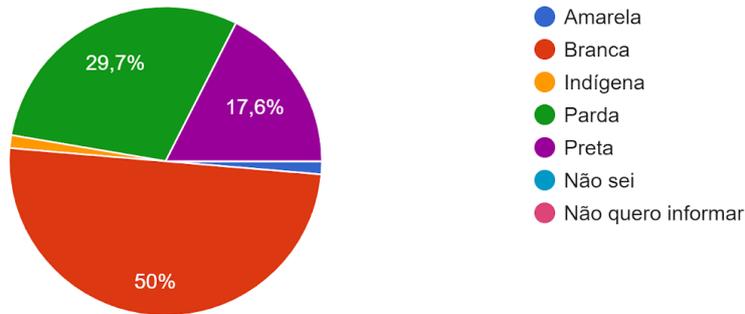
**Fonte:** Autores.

Observa-se um número de 48,6% de associadas/os a ABEM e 51,4% de não associadas/os. Em relação a raça/etnia, há um predomínio da autodeclaração da raça/etnia branca, seguido pela parda e preta (Figura 03). Em relação à identidade de gênero, há um predomínio da autodeclaração mulher cisgênero, seguida por homem cisgênero (Figura 04). Com relação à orientação afetivo-sexual, há um predomínio de homossexuais/gay/lésbica seguida por heterossexuais e bissexuais/pansexuais (Figura 05).

**Figura 03:** Discriminação das/os participantes de acordo com a autodeclaração de raça/etnia.

### Qual a sua autodeclaração de raça / etnia?

74 respostas



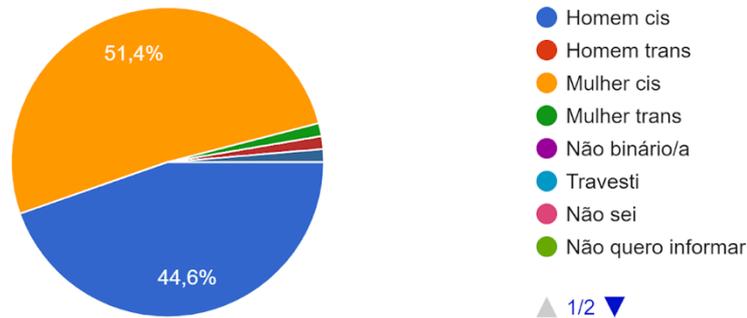
Amarela: 1 resposta (1,4%)  
Branca: 37 respostas (50%)  
Indígena: 1 resposta (1,4%)  
Parda: 22 respostas (29,7%)  
Preta: 13 respostas (17,6%)  
Não sei: 0 respostas  
Não quero informar: 0 respostas

**Fonte:** Autores.

**Figura 04:** Discriminação das/os participantes de acordo com a autodeclaração de identidade de gênero.

## Qual a sua autodeclaração de identidade de gênero?

74 respostas



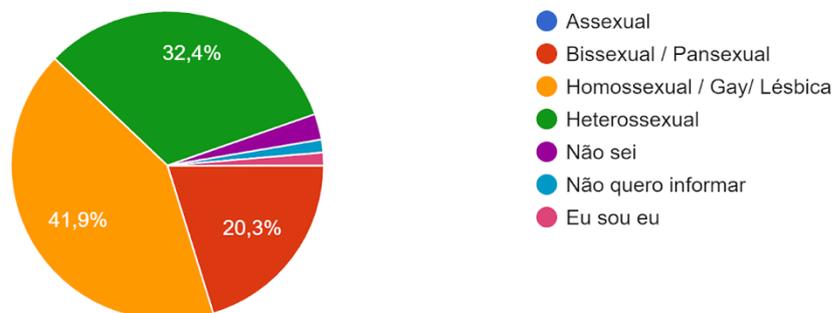
Homem cis: 33 respostas (44,6%)  
Homem trans: 0 respostas  
Mulher cis: 38 respostas (51,4%)  
Mulher trans: 01 resposta (1,4%)  
Não binário/a: 0 respostas  
Travesti: 0 respostas  
Não sei: 0 respostas  
Não quero informar: 0 respostas  
Eu sou eu: 1 resposta (1,4%)  
Mulher: 1 resposta (1,4%)

**Fonte:** Autores.

**Figura 05:** Discriminação das/os participantes de acordo com a autodeclaração de orientação afetivo-sexual.

## Qual a sua orientação afetivo-sexual?

74 respostas



Assexual: 0 respostas  
Bissexual / Pansexual: 15 respostas (20,3%)  
Homossexual / Gay/ Lésbica: 31 respostas (41,9%)  
Heterossexual: 24 respostas (32,4%)  
Não sei: 2 respostas (2,7%)

Não quero informar: 1 resposta (1,4%)

Eu sou eu: 1 resposta (1,4%)

**Fonte:** Autores.

Em relação ao desenvolvimento de ações de pesquisa, ensino e/ou extensão universitária, observa-se que 54,1% das/os participantes já realiza alguma ação em sua instituição. Em relação a isso, as/os participantes poderiam descrever essas ações, descritas abaixo, a fim de propor uma ampliação/mapeamento delas.

“Coordenação do grupo de saúde da população negra, membro ativo do grupo de gênero e sexualidade e de mulheres. Atividades, aulas, oficinas sobre ensino de temáticas raciais e sobre abordagem de lésbicas e bissexuais na APS”

“Saúde da população trans”

“Atualmente sou o responsável técnico e médico referente para populações chaves no projeto Beira, Médicos Sem Fronteiras.”

“Integralidade no Cuidado das Profissionais do Sexo; Grupo de Ações Educativas relacionadas à Epilepsia; eventos e trabalhos de revisão bibliográfica sobre saúde integral trans”

“Atividades de pesquisa, ensino e extensão pela Liga Acadêmica de Sexologia”

“Trabalho com reuniões nacionais online com estudantes de medicina de várias regiões e que participam da IFMSA Brasil para debater acerca da saúde de populações negligenciadas, além disso com ações locais em Belém do Pará com debates sobre saúde da população negra, indígena, lésbica, gay, bissexual, transgênero. Organizei um workshop de equidade em saúde em parceria com o Ministério da Saúde na UFRGS que debateu sobre saúde da população negra, lésbica, gay, bissexual, transgênero, privados de liberdade, mulheres.”

“Extensão: Rodas de Conversa sobre Saúde do Sul Povos Indígenas; PET Indígenas Ações em Saúde. Pesquisa: Estudantes Indígenas na Graduação de Medicina; Experiência de Médicos no DSEI Yanomami; Competências em Saúde Indígena não Graduação de Medicina. Supervisão do Programa Mais Médicos em áreas indígenas em Roraima.”

“Oficinas, aulas e atendimento sobre população LGBTI e sexualidade”

“Clínica de Direito LGBT/ Clínica de mecanismo de Soluções de Conflitos”

“Saúde da população indígena, indígenas no ensino superior, parteiras tradicionais pankararu”

“Faço parte de uma liga acadêmica que fala sobre as populações negligenciadas e faço parte de coletivos gay e negro”

“ Simpósio saúde integral à mulher, pesquisa sobre a camisinha feminina e possível construção da liga acadêmica de gênero e sexualidade”

“1. Cenário de simulação de atendimento à pessoas trans. 2. Orientando pesquisa (em construção) de graduanda de 3º ano sobre conhecimento de médicos da ESF sobre demandas da população LGBT.”

“Ambulatório de Diversidade Sexual e Gênero - Processo Transexualizador/ Telesaude com aulas abordando a Política Nacional de Saúde LGBT”

“População Trans - por meio do ambulatório. Ainda estamos no início”

“Casa Miga Acolhimento LGBT+”

“Sou atual presidente e fundador da Liga Acadêmica de Saúde Reprodutiva e Sexual (LASEX), que tem como principais eixos norteadores de suas discussões os seguintes: 1. Saúde Materna e acesso ao Aborto; 2. Orientação Sexual e Identidade de Gênero; 3. HIV e outras IST's; 4. Violência de Gênero. Além disso, através da LASEX, escrevi e iniciei a realização de um Projeto de Extensão com as escolas da rede pública de educação básica em Lavras, sobre Educação Sexual Compreensiva, em que abordamos de forma ativa e através de dinâmicas assuntos como Orientação sexual e identidade de gênero; Desenvolvimento do corpo; HIV e outras IST's; Contracepção; Consentimento; e demais temáticas afim.

Para além disso, realizo eventualmente, em Belo Horizonte/MG visitas de acompanhamento no Ambulatório de saúde integral à pessoa trans e travesti, no Hospital Eduardo de Menezes (HEM), onde acompanho e realizo atendimentos, acompanhamento e acolhimento, junto aos profissionais do Ambulatório, de pessoas trans e travestis. Essas experiências me possibilitaram a escrita de um trabalho enviado ao Congresso Brasileiro de Sexualidade Humana de 2019, sendo selecionado para Apresentação Oral. O mesmo será, em breve, transformado em um artigo científico, trazendo reflexões sobre

o cuidado e acolhimento à população trans e travesti num paralelo com as DCN's e a Educação Médica.

Já organizei rodas de conversas e simpósios a respeito do Cuidado e Acolhimento Integral à pessoa Trans em minha Universidade.

Construo o Coletivo LGBTQI+ da UFLA.

Escrevi e publiquei um artigo, este ano, que traz reflexões acerca da negligência às pessoas trans e travestis no sistema de saúde e sua invisibilização frente aos currículos dos profissionais do campo da saúde, trazendo reflexões acerca da hetero-cis-normatividade da estruturação dos conhecimentos.

Em 2018, fiquei 2 meses em Portugal realizando um intercâmbio, que tinha como principais focos o desenvolvimento e o estudo de temáticas relativas à Saúde Reprodutiva e Sexual/Orientação Sexual e Identidade de Gênero, em que pude ter acesso a um amplo substrato teórico e prático nas áreas temáticas e afins.”

“Coletivo de Mulheres (coletivo feminista)”

“TCC: MENSURAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ESTUDANTES DA SAÚDE ACERCA DO ATENDIMENTO EM SAÚDE DA POPULAÇÃO LGBTQI+”

“Estou na liga de gênero e sexualidade da minha universidade. Faço uma pesquisa que busca quantificar a formação sobre saúde lgbt em cursos da saúde. Quero criar um projeto que vide treinar os profissionais das aps a atenderem a população lgbt para, posteriormente, criar mecanismos para aproximar essa população da atenção básica.”

“Departamento de Humanidades (DepHum) do CA, o qual aborda as questões das populações negligenciadas no currículo e que são maioria no SUS, como comunidade LGBTQI+, população negra, mulheres, indígenas.”

“Pesquisa: Qualidade de vida do estudante de medicina: um olhar para a diversidade. Temos um projeto PIBIC sobre racismo na FCM”

“Gt gênero e sexualidade sbmfc / ambulatório uerj”

“Ética e população trans”

“Liga Diversidade e Pesquisa na linha Diversidade de Gêneros, além de estar estruturando ambulatório para adolescentes trans em hospital de referência no atendimento de crianças e adolescentes , em MG.”

“Liga Acadêmica De Saúde LGBTI+”

“Ministro aula como convidado para o curso de graduação da medicina na disciplina de Atenção Primária a Saúde”

“Coordenadora do programa Ufgincludi”

“Não é vinculado na minha universidade. Eu sou fundador de uma ONG chama TransVest, em Belo Horizonte. Somos um projeto educativo-cultural que promove atividades no intuito de inclusão e democratização de acessos para a população trans/travesti na região. A população do projeto também compreende pessoas trans em situação de cárcere da região de São Joaquim de Bicas.”

“Docente da disciplina de Saúde de populações vulnerabilizadas na Faculdade de Medicina da UNINOVE há 2 anos (foco em pop. LGBTI, indígena, negra, imigrantes, refugiados, privada de liberdade, situação de rua)”

“Construção de práticas antirracistas em saúde; perinatalidade de mulheres negras”

“Como aluno de cinema da UFF, estamos desenvolvendo tecnologias na área de educação em Saúde Indígena e sua interface com o audiovisual. Montamos um projeto de extensão na área de licenciatura em cinema, com foco nessa área de estudo das possibilidades pedagógicas da câmera dentro das aldeias para debater saúde.”

“Coordenador local do comitê de Saúde e Direitos Sexuais e Reprodutivos Incluindo HIV/AIDS da IFMSA BRAZIL FPP, Coordenador de Combate à Opressões do Centro Acadêmico de Medicina Maria Estrella. Realizo ações locais e nacionais sobre os temas especificados acima conforme as demandas surgem na instituição.”

“Coordeno ações de saúde da ong transvest em bh. Idealizei e oriento o projeto de extensão TRANSODONTO na faculdade de odontologia da UFMG”

“Docente da disciplina de saúde indígena no curso de Medicina”

“Pesquisa e ensino na área da Saúde Indígena”

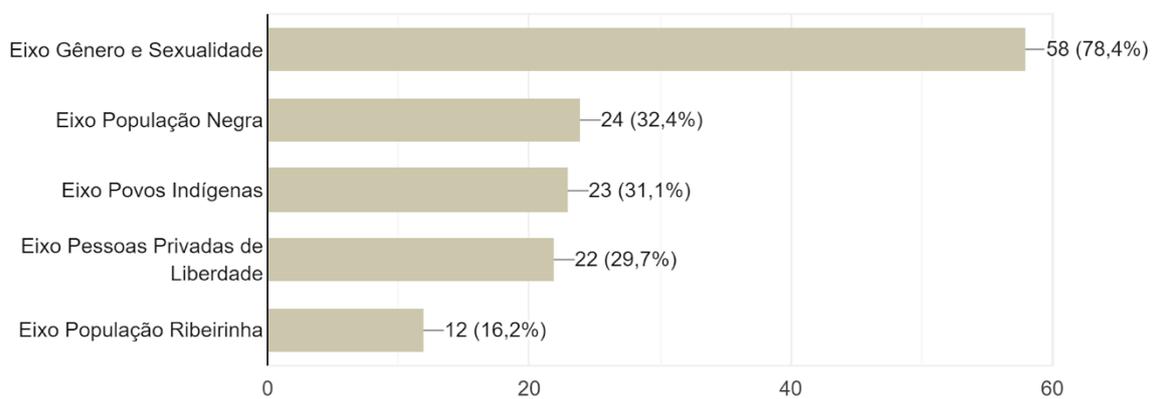
Quando questionadas/os em qual/is eixo/s do GT as/os participantes dessa Comunidade de Prática gostariam de participar, observa-se um predomínio do

interesse em relação às questões de gênero e sexualidade, da população negra e dos povos indígenas (Figura 06).

**Figura 06:** Discriminação das/os participantes de acordo com relação ao interesse em participar de um ou mais eixos de trabalho do GT.

### Qual(is) eixo(s) do GT você gostaria de participar?

74 respostas



**Fonte:** Autores.